

# clarividência, faculdade do velho homem

*J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri*

Em dois artigos, os fundadores e grão-mestres da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea comparam a natureza do ocultismo popular praticado em nosso mundo com os conhecimentos e a atitude de vida dos rosa-cruzes modernos. Eles mostram que o ocultismo comum e a Doutrina Universal não se identificam nem são conciliáveis. Para eles, a chamada faculdade “superior” do velho homem é contrária à faculdade do novo homem. Eles escrevem:

Qualquer uma dessas duas faculdades pode ser obtida por alguém que se empenhe. Vamos expor em detalhes os limites, a finalidade e o grande perigo que representa a faculdade superior do velho homem; e também trataremos detalhadamente da faculdade do novo homem, até o ponto que nos é permitido fazê-lo.

A esfera material onde vivemos momentaneamente apresenta diversas características, e está sujeita a diversas leis. A esfera refletora de nosso planeta, a esfera situada do “outro lado do véu”, no Além, possui também características variadas. O ocultismo reconhece, no total, sete características, sete manifestações da substância da esfera refletora e sete dimensões. Da mesma forma, nesse aspecto sétuplo de nosso planeta, os seres humanos possuem sete sentidos, mediante os quais reagem à natureza sétupla dessa substância. Assim, com seus sete sentidos, eles podem expressar-se e agir no campo material. De fato, esses sete sentidos lhes dão teoricamente as possibilidades para isso. Mas, na vida comum, o homem

não conhece nem faz uso senão de cinco sentidos: os outros dois sentidos são considerados apenas de forma hipotética. Isso tudo é assim para os homens que vivem no lado de cá do véu. Na esfera refletora, ao contrário, faz-se necessário o poder desses outros dois sentidos; no entanto, faltam-lhes os corpos físico e vital (corpo etérico), sem os quais eles já não podem expressar-se sensorialmente como na esfera material. Em consequência, este mundo, tanto a esfera material quanto a esfera refletora, é para nós uma realidade fragmentada.

É por isso que o homem tem sempre a tendência de aperfeiçoar a realidade fragmentada à medida que tenta construir uma ponte entre esses dois mundos estranhos entre si, porém que mesmo assim formam as duas metades do mundo. Chamamos de “ocultismo” a tentativa de ligar estrutural e sensorialmente essas duas metades, a fim de usufruir de suas diferentes qualidades. As correntes ocultistas existentes apontam para diferentes benefícios que acreditam poder alcançar – que aliás são



Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri são os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Nessa escola, eles explicaram e vivenciaram para seus alunos e pessoas interessadas o caminho de libertação da alma de todas as maneiras possíveis, frequentemente com o auxílio de textos originais da Doutrina Universal



O herói Isfandiyar abate o perigoso pássaro Simurg. Ilustração do épico *Shahnameh*, no qual o herói tem de realizar uma série de feitos heróicos. Durante mais de mil anos os contadores de histórias no Irã ensinaram, com auxílio das narrativas desse épico, sabedoria, virtude e coragem à população. Livro dos Reis, Pérsia, ca. 1530.

## A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea não se orienta de maneira alguma para a esfera refletora nem para qualquer uma de suas regiões

diferentes, por estarem em concordância com os diferentes tipos humanos. Assim, existe uma corrente ocultista voltada ao aspecto religioso, e que pensa poder religar-se conscientemente ao país da luz do lado de lá. Existe também outro movimento ocultista orientado apenas para a ciência e o conhecimento.

Há também o movimento centrado nas coisas materiais e que utiliza seus poderes ocultos unicamente para obtenção de benefícios financeiros. Por fim, há também o quarto grupo de ocultistas, centrados na sobrevivência e na cultura de seu ego.

A Rosacruz Áurea não tem nenhum interesse por esses diversos movimentos.

Há anos que repetimos de várias formas que nosso objetivo nada tem a ver com a esfera refletora ou com qualquer uma de suas regiões. Se assim fosse, esse objetivo não ofereceria perspectiva alguma de libertação. Nossa motivação interior nos impulsiona a neutralizar qualquer interesse nessa direção.

O verdadeiro homem, em sintonia com a natureza da substância sétupla do mundo, possui também sete características: ele está livre dos limites e da fragmentação de sua atual região de vida.

As sete características podem ser descritas como seguem:

A primeira faculdade superior do verdadeiro homem é a força do amor. Com isso queremos dizer exclusivamente a força do amor mediante a qual tudo se torna luz. Em todas

as escrituras sagradas é indicado que o mais elevado é a luz. Deus é amor, portanto, Deus é luz.

Pode-se prever ao homem buscador que um dia ele se transformará nessa luz, que é Deus em si mesmo.

A segunda faculdade do novo homem é a sabedoria, que pode ser captada e transformada pela razão.

A terceira faculdade é a vontade. Falamos aqui exclusivamente daquela vontade que serve no templo humano como se fosse um sumo sacerdote que, sustentado por amor e sabedoria, realiza a vontade de Deus.

A quarta faculdade do verdadeiro homem é a força do pensamento; sustentado por amor, sabedoria e razão e impulsionado pela vontade, o homem pode, com essa força, formar sua estrutura mental até as mínimas particularidades.

A quinta faculdade os antigos chamavam de “kundalini shatki”. Ela é o princípio de vida universal mais elevado. Trata-se de uma energia dotada de movimento circular ou rotação, de uma força oculta presente na constituição humana: é uma emanção de forças elementares da natureza.

No seu aspecto superior é uma energia que segue vias espirais, carregando ou transmitindo forças e pensamentos que provêm da tríade superior. É uma das energias elementares do prana (éter).

Uma intervenção na sua atividade normal pode levar à insanidade ou a outras doenças sérias.

Em nossa filosofia, nós a denominamos energia dinâmica, que é concentrada para prover a estrutura mental de energia vital.

A sexta faculdade é a da manifestação da forma, a faculdade divina da linguagem ou do mantra. Mediante a pronúncia do verbo criador, que possui um efeito mágico, o mental realiza-se na matéria com a energia vital servindo como elemento de construção.

A sétima faculdade é uma síntese das seis anteriores. Somente na síntese dessas diversas energias a sétima faculdade pode expressar-se e tudo o que foi realizado pode ser empregado da maneira correta a serviço do divino universal.

As forças extraídas das seis primeiras faculdades constituem a luz universal radiante que converge na sétima faculdade. O foco de cada uma das sete faculdades é um núcleo de consciência do qual irradia a força ou a faculdade correspondente.

Então, se tomarmos como base o homem sétuplo ideal, que está ativo com todo o seu microcosmo, pode-se entender que o homem comum é incapaz de realizar essa missão. O conteúdo desses ensinamentos universais excede de longe suas possibilidades. Disso se pode deduzir que no lugar do homem original, mesmo no melhor dos casos, está presente algo que não passa de uma pobre

caricatura. Queremos demonstrar isso com o auxílio de alguns exemplos.

Dissemos que a segunda faculdade, a da sabedoria, pode ser captada, transformada e transmutada de forma racional. Essa então é a situação: mesmo que não exista a ligação com a sabedoria e o órgão da razão esteja fortemente desnaturado, ainda assim é possível alcançar a clarividência. No entanto, qualquer um de nós reconhecerá que essa faculdade nada tem em comum com os propósitos divinos, mas apenas faz parte da estrutura biológica do homem.

Podemos descrever a clarividência como percepção interior, como um ver à distância. É visto algo que ocorre a uma distância indeterminada do observador. Portanto, clarividência não é algo semelhante à visão etérica, que significa um refinamento e uma ampliação do sentido material da visão.

Existem pensamentos e sons que vencem grandes distâncias.

Isso pode ocorrer, por exemplo, quando alguém pensa em nós: “Eu vou visitá-lo ainda esta semana”.

O pensamento atinge nossa esfera aural, a glândula pituitária ou hipófise recebe a impressão e se põe a vibrar. Com isso, também a pineal começa a vibrar. Conseqüentemente, vemos a imagem da pessoa que pensou em nós, recebemos a impressão e sabemos que ela virá nos próximos dias. Logo, não há razão para surpresa. Visto que quase todo mundo já experimentou algo parecido, isso mostra-nos

## Al die natuurlijke zogenaamde hogere vermogens betekenen niet anders dan een cultuur van de interne secretie

que em geral somos clarividentes ou clariaudientes. No entanto, também se pode desenvolver uma clarividência negativa ou positiva. A clarividência negativa acontece quando permitimos que influências externas penetrem em nosso campo aural e as fixamos, de modo que nossos pensamentos ficam completamente tomados por elas. A concentração de pensamentos que é descarregada sobre nós e a retenção do que foi projetado em nós por outros faz que a corrente que emana da hipófise leve a pineal à percepção clarividente. Desenvolvemos clarividência positiva quando concentramos fortemente nosso pensamento em alguém. Por meio da força mental concentrada conscientemente num objetivo, penetramos na esfera aural do objeto do nosso pensamento. Então, da maneira como foi descrito acima, o objeto de nosso interesse se torna um livro aberto para nós! É desnecessário acrescentar que essa faculdade natural pode ser aperfeiçoada por meio de diversos métodos de treinamento, com resultados surpreendentes, porém raramente positivos.

Se considerarmos esse processo com sobriedade e de um ponto de vista superior, descobriremos que todas essas faculdades naturais assim chamadas “superiores” não significam outra coisa senão uma cultura ou desenvolvimento artificial da secreção endócrina. Para tanto, o homem não precisa ser bom nem sábio, nem precisa modificar a sua vida. Qualquer um que se interessar por isso pode exercitar um ocultismo dessa espécie, se suas características sanguíneas e sua estrutura biológica não apresentarem impedimentos. A mencionada atividade da secreção endócrina pode ser desenvolvida dessa maneira, porém isso está ligado a enormes perigos: perigos não somente para a pessoa em questão, mas sobretudo para os que são objeto de sua atenção.

Desse modo, são criadas muitas ocasiões para exploração não apenas material, mas também moral e espiritual entre os homens. O trágico é que, com isso, a pessoa verdadeiramente buscadora é desviada do caminho da verdade. Se uma pessoa alguma vez se dedicou a um treinamento negativo ou positivo da secreção endócrina, ou se, pelo nascimento, possui um corpo muito sensível e não sabe proteger-se mediante uma atitude de vida sadia e uma moral elevada, então ela abrirá sua esfera aural a toda a espécie de forças negativas, que poderão dominá-la e governá-la pela faculdade e pela atividade da secreção endócrina ✪

## a rosa de são joão

No artigo anterior, dirigimos a atenção do leitor para a faculdade superior do velho homem e tentamos deixar claro o seguinte: se o homem tem à sua disposição alguma faculdade superior, como algo que recebeu da natureza ou está em vias de obter, isso se deve ao fato de existir certa atividade de dois órgãos de secreção endócrina no cérebro: a glândula hipófise e a glândula pineal.

A hipófise, ou glândula pituitária, é o órgão sensorial do sentimento, das impressões sensoriais da esfera aural, e a presença de tudo o que ingressa nessa esfera aural ou que a toca é sentida pela hipófise. Tudo o que a pessoa atrai para sua vida e, conseqüentemente, mantém ao seu redor também é percebido por esse órgão do sentimento. Esse toque faz com que a hipófise vibre. E a força dinâmica resultante desperta o órgão adormecido, a glândula pineal, o terceiro olho, para uma atividade maior.

Conseqüentemente, a sensação inicial de impressão transforma-se em uma visão interior. A atividade desses dois órgãos pode ser cultivada de forma completamente natural, desde que se possua a chave para colocá-los em maior atividade. Nesse caso, o aumento dessa faculdade não passa de uma faculdade natural mais ampliada e que é completamente deste mundo. Por essa razão, o aluno que está na senda da transfiguração rejeita totalmente qualquer ampliação dessa faculdade de percepção, porque percebe que o resultado disso é uma cultura da personalidade, que o ligará

mais fortemente à terra, levando-o a alcançar justamente o oposto do objetivo inicial que estabelecera para si.

Mas qual é a faculdade superior do novo homem? Se quisermos compreender algo sobre as atividades dessa faculdade, é preciso, inicialmente, verificar e delinear qual é o princípio fundamental de sua ação, que é uma dissolução total e fundamental do eu! Com essa dissolução do eu não queremos dizer que o homem deva tornar-se menos egocêntrico ou mais humanitário, ou até mesmo obedecer regras religiosas ou seguir outras normas. Não, a dissolução do eu, tal como a Escola da Rosacruz Áurea indica, é a dissolução de todo o complicado sistema do homem natural. Sobre essa base, podemos iniciar um trabalho preparatório, que objetiva, de início, modificar totalmente as correntes de vida da forma humana terrestre. Essa modificação do fundamento da vida é, portanto, uma primeira condição, pois ele mantém coeso o inteiro ser. Ora, as forças e os materiais que constituem o ser humano terreno são, em si mesmos, conectivos e, portanto, mantenedores. Por isso, desde o momento em que ele coloca o pé na senda da libertação, sua atenção deve estar voltada para abandonar tudo o que liga e mantém o “eu”.

Esse é um processo radical que o ser humano na senda não pode evitar, pois o campo de respiração, de importância capital, a esfera aural, deve ser liberada e libertada de qualquer influência material comum e inferior. Somente



## As novas faculdades fazem que a memória supraconsciente, situada em um dos centros cerebrais entre o cerebelo e o encéfalo, vibre intensamente

quando isso tiver ocorrido é que o trabalho poderá começar da maneira correta.

Agora, na situação em que nos encontramos como seres humanos que vivem neste mundo, é bem possível que nos perguntemos se essa purificação total do campo aural, que o torna inacessível a quaisquer possíveis influências prejudiciais, possui um fundamento seguro. Essa segurança pode ser comprovada pelo fato de o campo aural dispor de três faculdades, as quais podem ser utilizadas pelo foco da consciência do ser humano.

A primeira faculdade de que o campo aural do ser humano dispõe é a de atrair; a segunda é a de repelir; e a terceira é capaz de neutralizar tudo o que queira manter-se no campo aural. É importante que não utilizemos essas faculdades de maneira negativa, porém de maneira positiva e com discernimento racional. Elas oferecem ao aluno que está começando seu caminho a chance de libertação, sem qualquer risco. Em condições normais, o ser humano é completamente livre para utilizar essas três faculdades.

Para começar, ele precisa imbuir-se da ideia de que o foco da consciência nada mais faz do que girar em um círculo vicioso e que, depois de uma ascensão, sempre irá acontecer um declínio, o que faz com que ele se mantenha prisioneiro no interior dos limites deste mundo.

Em segundo lugar, ele deve descobrir que será preciso declinar, a fim de que a nova vida tenha oportunidade de revelar-se e de que outro

céu possa desenvolver-se em seu microcosmo. Mas alcançar o discernimento no processo de autodeclínio apenas pode ser apoiado pelo “ser” até determinado momento. Afinal, não é possível que o aluno empreenda o processo de renovação somente com suas próprias forças, porque o foco de sua consciência somente pode agir em concordância com sua natureza. Portanto, ele vai precisar de uma força completamente nova!

É assim que, quando alguém decide seguir o caminho que o conduz à verdadeira compreensão, logo se manifesta, em todo o seu ser, uma nova força, que não se origina desta natureza. Essa força supranatural, que faz com que nos tornemos conscientes da existência de um mundo superior, coloca-nos em condição de verificar, em uma fração de segundo, o quanto nosso ser está, no momento, ancorado num estado imutável de sangue – e essa verificação é necessária para que nos tornemos conscientes da reviravolta fundamental que precisa operar-se em nós. Podemos verificar que o aluno toma sua decisão com base em uma ligação segura com uma força que não provém desta natureza: uma força intermediária entre ele e sua pátria de origem. Indicamos essa força, essa ligação, como a memória supraconsciente que é estimulada a determinar a atividade pelo amor divino.

Mediante essa memória supraconsciente o aluno irá utilizar-se conscientemente das três faculdades de seu campo de respiração. Assim, ele repele, muito conscientemente, todas as

influências atrativas que ele aprendeu a considerar como perigosas para o objetivo a que se propõe.

O aluno pode conduzir a totalidade dessa ação com a terceira faculdade da esfera aural: o poder da neutralização. Quando ele se empenha e entra em uma luta renhida – pois duas forças de vida diferentes não podem, de modo algum, associar-se –, então se desencadeia um maravilhoso processo. A memória supraconsciente, situada em um dos centros cerebrais entre o cerebelo e o encéfalo, põe-se a vibrar intensamente. É essa vibração que abre os sete ventrículos cerebrais ao prana universal, ao alento da vida divina. A rosa se abre à luz do sol celeste, e os sete poderes dessa rosa se refrigeram na força do Espírito Santo, a fim de que, por meio de sua força, consigamos vencer a velha vida.

Muitos alunos que lutaram na força do Espírito, ou que ainda estão lutando, sabem que nossa filosofia chama essa luta de “processo joanino”, ou “processo de João Batista”, e a faculdade sétupla que a ele se refere, a “rosa de São João”. A festa de São João é a festa do aluno que preparou sua esfera aural visando o processo por meio do qual sua consciência-eu renuncia por completo ao seu caminho pela natureza, provocando, desse modo, a elevação da consciência celeste, que lhe permite trabalhar no reino de Deus. É por essa razão que a apoteose dessa festa é o ato de ofertar a rosa branca.

Nesse momento, gostaríamos de dizer que a rosa, no santuário da cabeça, se abre sob o efeito da intensa vibração da memória supraconsciente. E o leitor pode ver claramente por que o aluno a quem essa rosa foi oferecida exclama: “Ele, o homem celeste em mim, deve crescer, e o eu, o homem natural, deve diminuir”. Assim, é no Espírito e pelo Espírito que se realiza o processo de preparação e é iniciada a luta contra o “eu” e seus impulsos. Qualquer que seja seu estado de ser, em primeira instância, o aluno tem a possibilidade

e o dever de tornar-se um “cavaleiro de São João”.

Seria muito superficial de nossa parte acreditar que já dissemos tudo o que deveria ser dito para compreendermos a faculdade superior do aluno que está no verdadeiro caminho da transfiguração. Por isso, aprofundemo-nos no surgimento da rosa de São João. Essa rosa é sétupla. Portanto, trata-se de uma faculdade superior sétupla: um fogo sétuplo que corresponde aos sete ventrículos cerebrais. Quando a Luz acende esse fogo, fala-se das sete harmonias, que, por sua vez, também correspondem a um processo sétuplo de desenvolvimento.

A primeira dessas harmonias é o canto do amor – o amor que é Deus. Deus é Luz, e Deus é Amor. O segundo canto é o da sabedoria. O terceiro canto é o da faculdade da vontade do sumo sacerdote: o hino que ele canta diante do altar interior. No quarto canto está a força do pensamento. No quinto canto se expressam as forças de uma energia dinâmica. O sexto canto é o do surgimento da nova forma de manifestação. E o sétimo é a força de ligação de todos os seis anteriores em um “ser” completo.

Disso podemos concluir que o aluno que possui a rosa de São João recebeu um talismã que lhe dá o poder de abrir as sete portas da eternidade. Por meio dessa faculdade superior sétupla, o aluno tem acesso à comunidade divina original, de onde chegarão até ele todos os elementos para a construção do homem celeste.

Os irmãos rosa-cruzes, animados por uma fé cristã pura, sempre proclamaram com veemência o caminho da cruz por meio da magia da rosa crucificada e colorida de vermelho pela oferta do sangue de Jesus, o Senhor. É por isso que essa rosa é, para o aluno rosa-cruz, um talismã, um símbolo da queda do véu que dá acesso ao microcosmo sétuplo do homem. Naturalmente isso não quer dizer que a queda desse véu torna possível ao aluno



Tecido com girassóis, Pérsia, séc. 17



uma utilização sétupla das forças divinas, mas que ele conquista, assim, uma ligação sétupla com o “ser” sétuplo absoluto. Mediante essa ligação, o aluno é capaz de continuar sua grandiosa construção.

Em primeiro lugar, estabelecemos uma obra de dissolução; em segundo lugar, uma gênese completamente nova. Todos conhecem a máxima: “Quando a Luz aparece, as trevas fogem”. Essa dissolução que precisa acontecer não é dramática. Quando a Luz universal toca o aluno, dissolve-se a ligação material que não está em concordância com essa Luz. É assim que se inicia um processo metabólico totalmente novo. A dissolução nesta natureza é acompanhada de uma renovação total, em outras palavras: de uma transfiguração. A morte de tudo o que é velho impulsiona o nascimento do que é novo. Portanto, a faculdade sétupla superior do novo homem cresce continuamente, à medida que a transfiguração progride. Assim, sob a direção do Espírito Santo, que está em comunicação com o aluno, o microcosmo pode ser reconduzido à sua pátria perdida.

Para terminar, vamos fazer uma comparação com a faculdade do velho homem. Como já dissemos, essa faculdade não passa do produto de uma cultura natural da hipófise e da pineal inteiramente no âmbito deste mundo. No novo homem, esses dois órgãos são dois fatores ou duas pétalas da rosa sétupla e estão estreitamente ligados a dois dos sete ventrículos cerebrais.

Na nova faculdade, eles já não funcionam como órgãos naturais e muito menos como instrumentos de sensação e de percepção da esfera aural: eles estão ligados ao Espírito Santo sétuplo! Portanto, estão abertos a um toque que não é deste mundo. Eles estão abertos ao que nenhum ouvido ouviu, ao que nenhum olho viu. Estão ligados às outras cinco pétalas da rosa ou do lótus. Juntas elas são as sete flamas do fogo do Espírito Santo.

O caminho indicado manifesta, portanto, a rosa de sete pétalas em sua totalidade. O treinamento natural dos dois órgãos de secreção interna, a hipófise e a pineal, é apenas uma brincadeira com faculdades suprassensoriais! É provocar um fenômeno que é uma espécie de “tremor de nervos” de um dom divino perdido no homem.

Pensemos, nesse caso, na serpente de Moisés e na imitação que os sacerdotes egípcios fizeram dela. Moisés aparece diante do faraó e, com o bastão de seu próprio fogo sagrado – símbolo do estado humano superior – comprova para o mundo que seu caminho de fato é um caminho de libertação, enquanto que os sacerdotes do faraó tentam impedir essa libertação por meio de fenômenos sucedâneos do fogo serpentino ímpio.

Muitas coisas e energias extremamente sagradas podem, desse modo, ser imitadas. E podemos ficar tão acostumados com essa imitação caricatural que passamos a considerá-la verdadeiramente essencial. E não é isso o que acontece nos dias atuais? Chamamos esses fenômenos de “vida”, mas, se pensarmos bem, veremos que ela provoca apenas sofrimento e angústia. É por essa razão que, se o aluno quiser evitar esse tipo de coisas, deverá transcender as ideias estreitas e comuns para receber a rosa branca de São João.

Assim como a rosa branca, com toda a certeza essa faculdade sétupla superior irá manifestar-se por meio da abertura das sete portas da eternidade. Assim, o aluno compreenderá as palavras de Cristo: “O reino de Deus está dentro de vós”. E, por meio da rosa branca de São João, pela oferenda de São João, o ser humano que já se tornou Jesus compreende que a faculdade superior do novo homem coloca o aluno em condição de tornar-se perfeito assim como o Pai que está nos céus é perfeito! ✪



Borobudur, o maior monumento budista do mundo, fica na Indonésia, na parte central da ilha de Java, próximo a Magelang. É um complexo templário de extraordinária beleza, originário do século VIII. A forma redonda com sete anéis de pedras diferentes, no qual Buda está assentado no centro, é um símbolo do homem sétuplo perfeito, Buda, que retornou à unidade. O terraço quadrado representa um trono. A *harmika*, uma plataforma superior encimada por uma coroa, simboliza o radiante santuário da cabeça. É a criação de um artista genial, um “sábio” capaz de representar o que é espiritual, o que é ideal. Essa construção dá testemunho da senda. Sua beleza espiritual profunda e singela toca não apenas os olhos, mas, acima de tudo, a alma receptiva e buscadora.



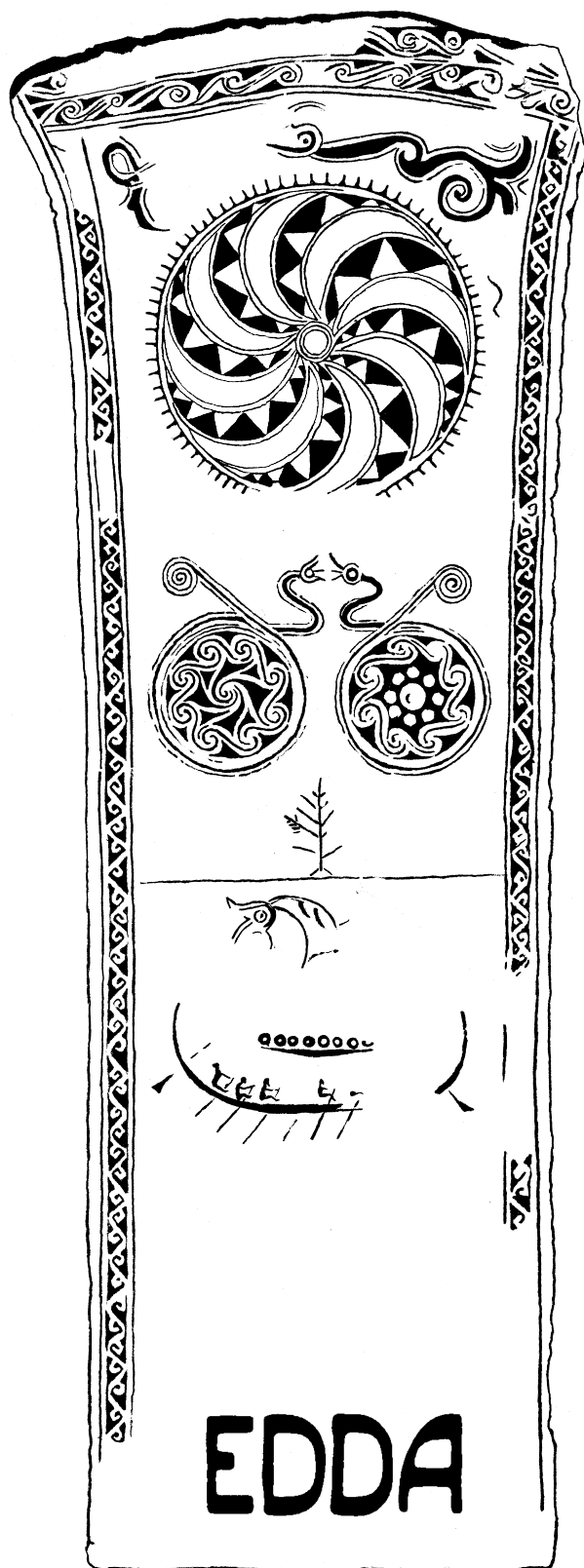


Inúmeros mitos foram-nos transmitidos por civilizações dos períodos mais diversos. Eles revelam concepções da antiga humanidade sobre o aparecimento do mundo, sobre a atividade das forças naturais, sobre os deuses e sobre o nosso destino após a morte.

# as profecias da vidente

Os mitos reunidos na *Edda*, uma coletânea de contos e poemas nórdicos, falam sobre o mistério do desenvolvimento do mundo. A *Edda* transmite a verdade universal em imagens variadas que correspondem ao poder de imaginação dos ouvintes da época. A segunda parte desta série sobre a *Edda* contém uma profecia da vidente Völva. São representações míticas, frequentemente incompreensíveis para nós de maneira imediata. Trata-se de um drama pré-germânico dos deuses, cujo tema é a destruição de um mundo inteiro.

O épico *A profecia da vidente* (Völuspá), composto de cerca de sessenta estrofes, representa o apogeu da arte poética alto-germânica. Nesse épico, a totalidade do saber tradicional é resumida em alguns versos. Os nobres que se reuniam no Althing (o parlamento) os conheciam perfeitamente bem assim como outros cantos de louvor de várias localidades. Esses poemas continham jogos de palavras em uma série de metáforas e eram o apogeu da habilidade



literária germânica ocidental. A vidente denominada Völwa, Wala ou Wolve, possui o dom da visão do passado e do futuro. Ela descreve nesse poema épico uma penetrante imagem da criação, uma gênese nórdica alto-germânica, a visão de um ciclo completo do mundo, desde seu início na pré-história, da atividade dos deuses até sua destruição no fim dos tempos do mundo.

*Silêncio peço  
às estirpes divinas,  
filhos de Heimdall,  
grandes e pequenos.  
Desejas, ó Walvater,<sup>1</sup>  
que eu proclame  
as lendas antigas  
dos homens que recordo.*

*Lembro-me dos gigantes do princípio  
que em tempos longínquos me deram vida;  
De nove mundos me recordo,  
nove moradas na árvore do mundo  
de raízes poderosas sob a terra.*

Graças a seus poderes extrassensoriais, Völwa coloca os ouvintes em transe a fim de que eles possam contemplar o domínio situado além do presente e da existência visível.

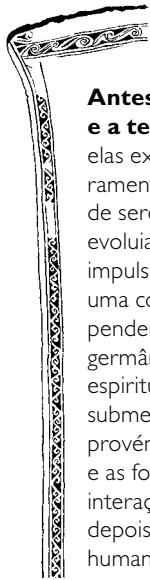
*Anéis e colares ganhei  
de Heervater<sup>2</sup>  
por meu conhecimento do futuro  
e por minhas artes mágicas.  
Longe e mais longe vejo,  
para além de todos os mundos.*



Os homens a quem ela se dirige fazem parte do Althing. Os anciãos das famílias, os homens livres e os guerreiros se reuniam em certas épocas em um lugar situado ao ar livre para deliberar sobre coisas importantes que lhes diziam respeito. Eram os descendentes da linhagem dos nórdico-germânicos, que, entre 2500 e 1000 a.C., chegaram ao Norte. Eram os indo-germânicos, dos quais se dizia serem descendentes distantes dos habitantes da Atlântida, que afundara em passado longínquo. Esse grupo estava diante da tarefa inevitável de desenvolver uma personalidade-eu consciente.

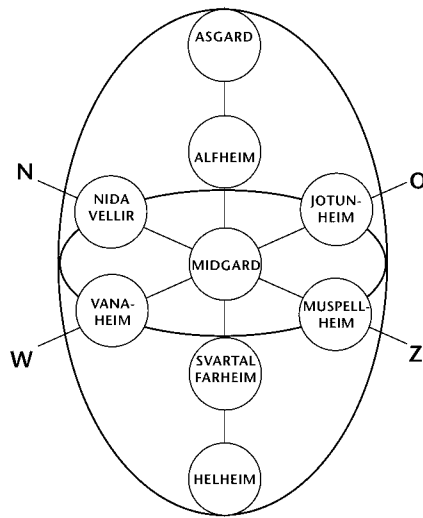
**A ATIVIDADE DOS DEUSES NO SER** A vidente aproximava-se do passado por meio do caminho interior. Sua consciência, por meio da contemplação espiritual, era capaz de recordar-se da gênese dos deuses e dos homens no passado, e de transmitir essa lembrança a quem dela já não se lembrava com tanta intensidade. O passado remoto atua ainda hoje no ser humano,





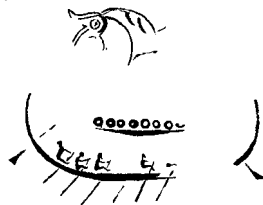
**Antes que a humanidade e a terra ficassem densas,**

elas existiam numa forma puramente etérica. Eram imagens de seres espirituais. O homem evoluía sob o efeito dos impulsos que o fizeram adquirir uma consciência individual independente. Uma parte dos deus germânicos simbolizava seres espirituais que nesse processo submergiram no homem. Daí provém a luta entre os deuses e as forças naturais. Dessa interação ou "luta" surgiu, depois de longo tempo, a forma humana atual.



pois cada um de nós é o resultado provisório e parte desse desenvolvimento. A recordação de nossa origem espiritual permanece oculta em nós como uma pré-memória, mas as forças espirituais originais ainda hoje estão ativas em nós. A *Edda* possibilita-nos vivenciá-las em uma consciência que está despertando. Podemos dizer que cada um de nós é capaz de despertar a vidente em si próprio. Assim que a vidente anuncia os mistérios do desenvolvimento dos mundos, as pessoas que a escutam vivenciam essas imagens no próprio ânimo, podendo, assim, ligar-se com a história oculta.

*Conheço um freixo que se eleva  
de nome Iggdrasil, árvore alta,  
banhada de clara umidade.  
Dela vem o orvalho  
que cai sobre os vales.  
Junto à fonte de Urd  
ela permanece  
eternamente verde.*

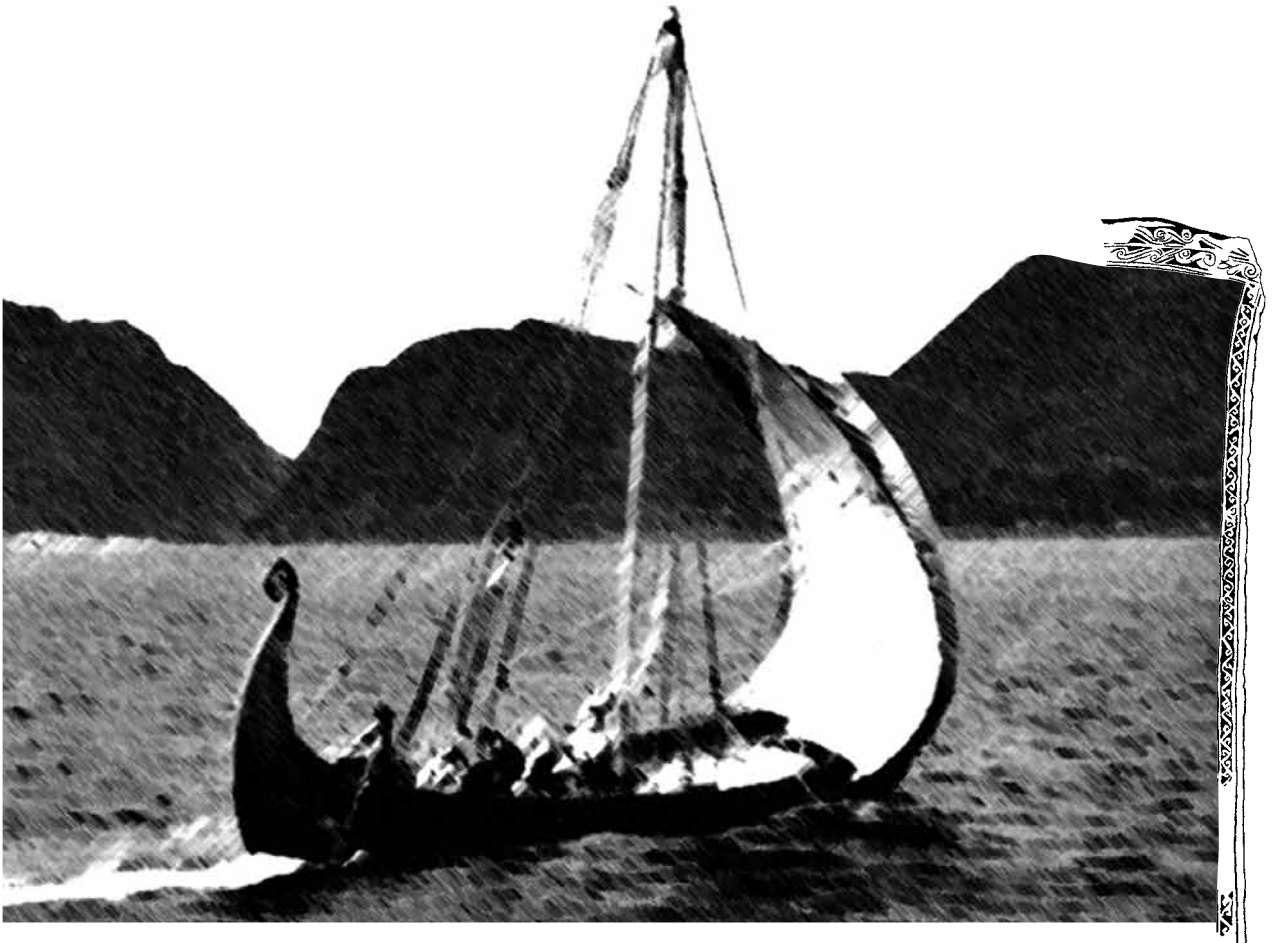


O que a vidente formulava era a palavra da divindade. Assim, o desenvolvimento dos períodos infinitamente longos da criação podia aparecer em movimento acelerado diante da consciência. Desse modo, os seres humanos daquela época eram capazes de receber o impulso divino e vivenciar a atividade divina na natureza em si mesmos e ao seu redor. Eles não se sentiam separados ou afastados dos deuses, e

sentiam que o destino dos deuses estava ligado diretamente com seu próprio destino, como se os feitos dos deuses acontecessem em seu próprio ser. Naquela época o que importava era a contemplação interior das mensagens transmitidas. Em nossos tempos se abrem numerosas possibilidades de se chegar a essa contemplação. A vidente encantava seus ouvintes, e estes reviviam, nos quatorze primeiros versos da *Edda*, uma retrospectiva imponente dos períodos da criação do mundo, da pré-história dos deuses e do aparecimento dos seres humanos. Nos versos 15 a 50, a vidente descreve, de maneira nítida, o início das primeiras guerras.

*Irmãos lutam entre si  
e matam-se uns aos outros,  
parentes cometem incesto.  
Terrível é o mundo, há grande adultério.  
Tempos de lanças e espadas,  
escudos são transpassados!  
Tempos de tormentas e lobos!  
Até que o mundo soçobre,  
já ninguém cuida do próximo.*

Essas lutas repletas de perigos para deuses e homens, e a vinda de eventos caóticos do fim dos tempos conduzirão o mundo inteiro ao "Ragnarök" (o fim do mundo), à destruição. O mundo e todas as criações desaparecerão num incêndio terrível e em formidáveis inundações dos oceanos.



Os versos 51 a 57 descrevem o novo mundo que surgirá. Deuses e seres humanos ganham uma nova vida, eles reencontrarão sua glória original e habitarão, em paz e harmonia, uma nova terra virgem.

*Vejo, pela segunda vez,  
surgir a terra do mar,  
verde e fresca.  
Cascatas borbulham,  
A águia eleva-se sobre as margens  
e caça peixes.*



Essa última imagem transmite uma impressão de paz e harmonia. A águia, em tempos de paz, nada mais faz senão caçar peixes, pois já não existem campos de batalha onde jazem heróis massacrados...

Assim, cada evocação na *Edda*, cada expressão, possui um significado próprio muito particular. Muitas imagens nos são apresentadas em sua imponência original como expressão da única e

eterna verdade. As forças divinas criadoras não cessaram de ativar e reforçar a personalidade-eu em desenvolvimento. Os deuses e as forças da natureza – energias superiores e inferiores – tornaram-se figuras e pessoas na consciência dos antigos germânicos. Assim, eles vivenciavam sua própria formação e seu próprio desenvolvimento no intercâmbio entre espírito e natureza.

A luta entre os deuses e as forças da natureza assemelha-se à obra de um escultor que retrata a si mesmo em sua escultura. O que importa hoje é que esse intercâmbio ocorra em um plano mais elevado. Trata-se de uma imagem perfeita de um corpo-alma onde o espírito pode refletir-se em sua totalidade, o que torna possível uma colaboração íntima e consciente entre corpo, alma e espírito. Para isso devemos buscar em nosso âmago o espírito, o escultor que é capaz de dar forma à nova alma e ao novo corpo ✪

1 Pai de Todos, um dos nomes de Odin.

2 Senhor Pai, outro nome dado a Odin.



“Quem possui qualidade de alma e nobreza suficientes, quem desenvolveu suficientemente a veste imortal da alma, verá o mundo fenomênico numa claridade luminosa, como um fogo, como a aurora boreal da vibração de Cristo, a qual, durante a noite, alarma alguns, enquanto outros sentem esse sinal do vindouro toque de trombeta com jubilosa aspiração.”

O chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz



# o templo, uma oficina

Por que os rosa-cruzes modernos falam de uma oficina templária? Para eles um templo é um espaço onde se concentra uma luz de vibração não terrena. Ao experimentar intensamente essa luz, o ser humano pode, aos poucos, obter uma imagem mais clara de quem ele é em realidade. Paulatinamente, podemos descobrir o que realmente acontece, pois essa luz revela o que há de negativo e de positivo no homem.

**T**ambém é sob essa luz que vemos a estrutura do templo interior que pode ser construído em nosso ser, de acordo com as palavras: “Não sabeis que sois um templo e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Coríntios 3:16) Podemos construir esse templo graças a um novo comportamento em concordância com essa luz. Trata-se de um tesouro grandioso, porém é preciso aceitá-lo.

O aluno: Mestre, como posso ver essa luz?

O mestre: Nada é mais simples do que isto, caro aluno. Se queres ver o céu, tens apenas de levantar a cabeça e afastá-la da terra. Portanto, se queres ver a luz, tens tão-somente de afastar o olhar das trevas.

O aluno: Mas por que isso me parece tão difícil?

O mestre: Porque crês que a terra está próxima de ti e o céu muito distante. Por isso as coisas da terra te parecem muito mais próximas que as do céu, e te voltas de preferência para o que chama tua atenção.

O aluno: Mestre, sei que não há nada maior que a luz, por que então me é tão difícil vê-la?

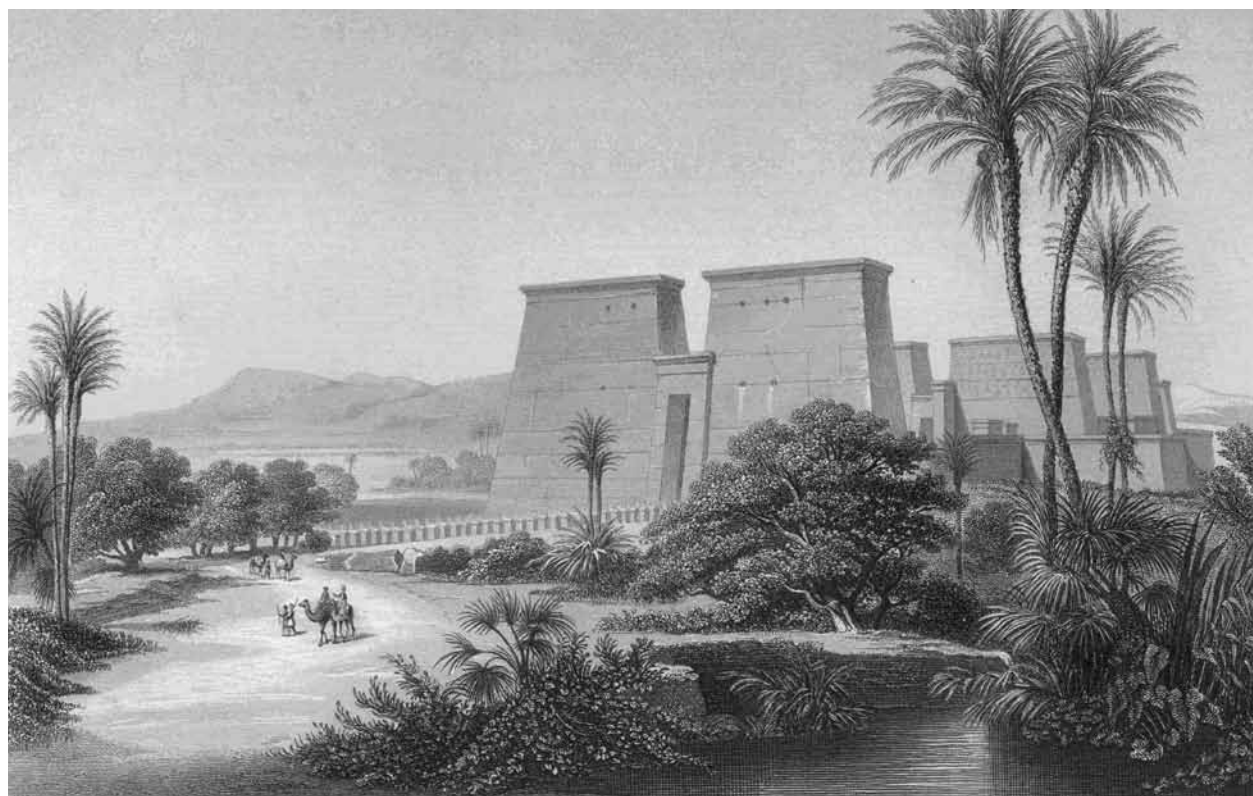
O mestre: Fica sabendo que trazes muitas vendas sobre os olhos que te forcem a olhar para baixo. Essas vendas têm por

nome: medo, preocupação, temor, orgulho, estreiteza de espírito, cobiça e incompreensão. Essas dificuldades, porém, existem apenas nas trevas de tua mente. Na luz, elas desaparecem como sombras ao sol.

Por que então eu me ligaria a uma escola espiritual se a luz de Deus brilha em toda parte? Pensa no sol. Sua luz brilha em todo o espaço do sistema solar. A luz e, com isso, a vida sobre a terra vêm do sol. Não obstante, sem a atmosfera, a luz solar seria mortal; pensa tão-somente nos buracos da camada de ozônio. Fora da atmosfera terrestre, a luz do sol está presente, porém é invisível: o espaço extraterrestre parece negro como a noite. Apenas olhando diretamente para o sol é que podes ver a luz, porém ela ofusca a visão.

O campo de força de uma escola espiritual é um cosmo com uma atmosfera sintonizada com a luz. Esse cosmo torna visível a luz de Vulcano, o sol divino. Distinguimos uma luz que se aproxima verticalmente e uma luz que se expande horizontalmente. Os neutrinos, partículas subatômicas, preenchem todo o espaço, mas são extremamente difíceis de serem detectados. A luz que se aproxima verticalmente encontra-se também por toda parte, contudo ela não é deste mundo. Nada deste mundo pode influenciá-la. E a razão de não percebermos essa luz se deve ao fato de nossos sentidos e nossa consciência pertencerem a este mundo.

## IMPRESSÕES DO TEMPLO DO LECTORIUM ROSICRUCIANUM



**Negentiende-eeuwse impressie van de Tempel van Karnak, te Luxor (Egypte)**

Também nesta natureza existem muitas formas de luz, visíveis e invisíveis. A luz ultravioleta, por exemplo, é invisível para nós. Os tubos fluorescentes emitem luz ultravioleta. Aparentemente não vemos como, mas é o pó na superfície interna do tubo que emite raios ultravioletas junto com a luz visível. Trata-se de um tipo de emissão eletromagnética.

O ponto central de nosso ser, a centelha divina ou o átomo-do-coração, pode receber a corrente vertical da luz da Gnosis. Em nós, essa luz é transformada em luz que se propaga horizontalmente, numa plenitude de radiação perceptível a todos na atmosfera terrestre. No livro *O selo da renovação*, Catharose de Petri cita algumas linhas do capítulo 15 do Evangelho de João: “Vós já estais limpos, pela





palavra que vos tenho falado” (João 15:3). Fala-se sobre essa luz aos alunos em todos os núcleos e centros de conferência da Escola Espiritual gnóstica. Enquanto eles ouvem e, portanto, se ligam sensorialmente à luz, sua alma se abre à luz que quer tocá-los. Por isso, a ligação se torna mais forte que antes. E o processo de purificação, o grande processo de cura, pode preenchê-los com a graça de Cristo, mais intensamente que nunca.

Nós, seres do espaço-tempo, medimos tudo pelo tempo e pela distância. Por isso, nossa consciência registra uma distância

incomensurável e um tempo desmedido entre o momento presente e o objetivo. Porém, para a luz eterna da Gnosis, o toque é uma ligação total, e essa ligação significa uma completa purificação. Já estais limpos, puros, quando vos ligais à Gnosis. Recebeis tudo quando vos oferecis à luz. Mas o resultado aparecerá unicamente em conformidade com o estado dialético de vossa personalidade: através do curso moroso da matéria se manifestará uma sequência de acontecimentos. Eis por que Jesus diz a um dos malfeitores suspensos a seu lado: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43).

## Als ‘Gnosis’ niet gezegd kan worden, waarom hebben vele groten dan lessen uitgesproken en boeken doen verschijnen?

QUE É A GNOSIS? Gnosis é conhecimento, mas não um conhecimento deste mundo, que é um conhecimento adquirido em livros ou recebido por transmissão oral. Não se obtém a Gnosis numa universidade, nem mesmo após a experiência de uma vida inteira. A Gnosis não é um conhecimento obtido com base em uma fonte que está fora de nós, um conhecimento que pode ser empilhado e conservado. Ela não pode ser oferecida por ninguém, nem pode ser comprada.

Ela é, com toda razão, chamada de “conhecimento do coração”. Sua fonte encontra-se em nós mesmos. Ela não nasce após longos e profundos pensamentos, mas, de preferência, pela contemplação. Não se trata de escavar nossa memória, pois a Gnosis é, sobretudo, uma revelação. Sua sede é a alma pura, e sua fonte é o Espírito, ou a Luz. Ela não pode ser formulada nem expressa por meio de palavras; ela revela-se diretamente à consciência.

Se a Gnosis não pode ser formulada, porque tantos grandes homens falaram ou escreveram livros sobre ela? As palavras que eles pronunciaram ou os livros que escreveram sem dúvida são gnósticos. Mas gnóstico não é mesma coisa que Gnosis, assim como animalesco não é a mesma coisa que animal, nem aéreo é a mesma coisa que ar. Se ligarmos uma lâmpada servindo-nos de dois fios de cobre ligados a uma fonte de energia, ela acenderá. Os fios de cobre não são, portanto,

a eletricidade, eles apenas permitem a passagem da corrente. Do mesmo modo um livro gnóstico nunca é a Gnosis em si. Mas ele pode ligar-nos à Gnosis que está em nós – razão pela qual dizemos, de maneira análoga à Torá judaica: “Não confundas a roupagem da Gnosis com a Gnosis em si”.

Quando Mani fala do sol, ele está referindo-se à luz com a qual podemos ligar-nos no interior do templo; ele está evocando Vulcano, o sol que está por trás do sol. Podemos ler sobre isso nos *Kephalaia*:

*Muitos aspectos tem o sol:  
Há a sua luz, com a qual ele ilumina  
o mundo e todas as suas criaturas.  
Há a sua beleza radiante,  
que ele esparge sobre todas as criaturas.*

*Há a sua paz, pois logo que ele  
ilumina o mundo, os seres humanos  
recebem sua saudação de paz  
e a transmitem entre si.*

*Há a vida da alma viva,  
que é libertada pelo sol  
de todas as cadeias e de todos os laços.*

*Ele dá força aos elementos  
e odor e gosto à inteira cruz de luz.*

*Assim como sua luz é mais brilhante  
do que todas as luzes no mundo,*

*assim também sua beleza é mais imponente  
do que toda a beleza humana.*

*Sua paz vence todos os poderes do mundo.  
A salvação com que ele redime a alma viva  
significa infinitamente mais  
do que todas as outras redenções.*

*A força que ele dá à alma  
é mais forte do que todas as outras forças.  
O sol possui ainda um aspecto triplo profundo  
concernente ao mistério de sua primeira grandeza.  
Há a carga de sua barca,  
que não diminui como a barca da lua.  
Essa plenitude manifesta o mistério do Pai da  
Grandeza,  
de quem se originam todos os poderes divinos.  
Inviolável, ela nunca diminui.*

No templo, o aluno rosa-cruz é ligado à verdade. Para ele, a verdade surge como algo que percebe e vê. O mundo pode ser a verdade para nós. Se verdadeiramente aprendemos a ver o mundo tal como ele é, então conheceremos a verdade do mundo em sua finitude, seu fluxo e refluxo, seu ascender e decair, suas ilusões e sua falta de perspectivas.

Então, abrimo-nos a uma verdade superior, a um novo modo de ver. A revelação é uma percepção de algo que estava oculto para nós. A revelação de uma verdade superior, não é um saber adquirido graças a um livro, a um curso ou a um mestre. A revelação é a visão de uma realidade superior percebida

por outros órgãos que não os olhos. A visão da verdade consiste em três coisas:

1. a fé, graças ao átomo-do-coração que se tornou ativo;
2. a esperança, graças ao santuário da cabeça santificado;
3. O amor, graças ao santuário da vida renovado.

A fé é como um reconhecimento da realidade da supranatureza, por exemplo nas palavras, nos textos e imagens.

A esperança é a visão da realidade do Pai. O amor é a vida nessa realidade, dessa realidade, para essa realidade. Pai, Filho e Espírito Santo.

A fé provém do Pai, que tudo criou. A esperança provém do Filho, que nos explica o Pai. O amor provém do Espírito Santo, que é a vida una.

*Não és nada daquilo que acreditas ser.  
Na realidade és o homem-espírito  
que era, que é, e que há de vir.*

*Recebeste o dom do Espírito.*

*Recebi o dom do Espírito?*

*Não, não o recebeste neste sentido,  
porém ele vive em ti.  
É tua tarefa viver nele,  
assim como ele vive em ti* ✪

# o valor do “nós”

Herman Wijffels, antigo diretor do banco mundial e atual copresidente da *World Connectors*, entidade que trabalha para conectar pessoas por meio da discussão de diferentes temas e questões relacionadas com a cooperação internacional e a comunidade global, é cofundador do Grupo Renascença, um movimento que tem por objetivo sustentar, em todas as categorias sociais, a tomada de consciência e os processos de transformação. O Grupo Renascença trabalha com pessoas em relação a suas convicções e não a suas (elevadas) funções.

Para Wijffels, o mais importante é começar pelo desenvolvimento e pela noção de “empatia”, que é a capacidade de se colocar no lugar dos outros. É assim que ele se pronunciou por ocasião das Eleições 2010 na Holanda – e os leitores da revista *Pentagrama* reconhecerão inúmeros de seus pontos de vista. Seguem um breve resumo e alguns comentários.

Qual a aparência do mundo em 2010? A população está em constante crescimento: parece que há um grande contraste entre pobreza extrema e grandes riquezas, e uma sobrecarga de 30 a 40% na capacidade de produção de nosso planeta. Pouco a pouco estamos dilapidando nosso capital natural. Trata-se do esgotamento das terras cultiváveis, do uso abusivo das fontes de água pura, do desmatamento, da rarefação dos peixes reprodutores nos mares do mundo, do esgotamento das matérias primas, do extermínio sistemático das outras espécies pela nossa espécie. Se continuarmos a viver assim, tudo isso representará uma grande ameaça a curto prazo. Nosso sistema econômico está baseado em um egocentrismo racional cozido e recozido – em outras palavras, muito concentrado. Ainda vivemos como sempre: como se a terra fosse inesgotável. A crise é financeira, econômica, ecológica, institucional e social. *Ons economische stelsel is gebaseerd op een verkokerde, egocentrische rationaliteit. Als mensheid leven we nog steeds alsof deze aarde een bron zonder einde is. Er is een financieel-economische, ecologische, sociale en institutionele crisis gaande, maar ook een crisis van de waarden waarop onze huidige manier van leven is gebaseerd. Dat is de diepere ondergrond.*

É uma crise dos valores sobre os quais se baseia nossa maneira de viver. Trata-se de desenvolver, no futuro, uma nova maneira de viver em sociedade em nosso planeta. Uma maneira em

que os recursos naturais poderão ser melhor administrados e partilhados de modo mais justo, a fim de que todos vivam com dignidade. Precisamos fazer uma previsão de nossas necessidades em função da capacidade de produção da terra. Para isso, é precisamos trabalhar como uma coletividade mundial e promover uma nova consciência global, partindo da ideia de que todos nós somos dependentes uns dos outros – e dependentes da terra.

Isso significa que o conceito “nós” precisa evoluir em nível mundial, assim como outro poder que corresponde a ele – a empatia, que é o poder de nos colocarmos no lugar dos outros até mesmo no plano pessoal. Significa também trabalhar do modo como vivemos. Daqui para a frente, o valor fundamental que deve ser reexaminado é a ética de nossas relações com os outros. Afinal, no futuro, as decisões deverão ser tomadas levando-se em conta as repercussões sociais e ecológicas.

Há diversas fontes que podem ajudar-nos. Karen Armstrong, em seu livro *A grande transformação*,<sup>1</sup> sobre o início das tradições religiosas e a época atual, comenta: “É preciso tratar os outros como gostaríamos que nos tratassem”, que corresponde à versão cristã “Ama ao próximo como a ti mesmo”.

Em resumo, precisamos retornar às nossas fontes, partir em busca das raízes profundas de nossa ética. A autora coloca em questão o problema da concorrência em relação à sociedade.



Cada pessoa é única. Devemos escolher de maneira positiva. A base

Melhor ainda: mostra que a física quântica diz a mesma coisa: tudo está ligado a tudo, e tudo o que fazemos tem consequências para os outros, e em todos os campos. Assim, concluímos que precisamos refletir e agir com base nas ligações e não com base nas divisões.

Outra fonte de informação é a “potencialidade”, ou seja, o campo das possibilidades que surgiram a partir do *Big Bang* (ou, se preferirem, da Criação). Naquele momento, foi criado um potencial que a matéria foi herdando pouco a pouco. Toda vez que lançamos um olhar retrospectivo sobre a história, percebemos novos impulsos, novas partes desse potencial de ideias aplicadas à matéria, capazes de provocar grandes desenvolvimentos. Em resumo: nossa época

nos pede, nessas circunstâncias profundamente variáveis, para suscitar novas possibilidades na matéria. Como seres humanos, nosso destino é transmitir a vida da melhor maneira possível às gerações seguintes.

Tal é o sentido e a essência da vida e, ao mesmo tempo, a dimensão espiritual da existência. Nós somos instrumentos do processo da criação contínua.

Quando fizermos isso, desenvolveremos o potencial do *Big Bang* e também o nosso, pois tudo caminha junto. Portanto, pelo fato de sermos seres humanos, somos chamados a dar forma à próxima era desse incessante processo evolutivo. Isso acarreta consequências importantes: precisamos ultrapassar os processos lineares baseados





© TORBEN NIELSEN, NEW ZEALAND. TORBEN@COMPUNET.NZ

para isso é uma ética e uma empatia mais abrangentes do que nunca

nos combustíveis fósseis e chegar aos processos cíclicos fundamentados nas produções que estão disponíveis em nossa época; precisamos chegar a uma economia baseada nas quantidades disponíveis e não nas nossas reservas.

Isso significa que deverão surgir energias descentralizadas provenientes de fontes duráveis: sol, água, vento, biomassa; assim como uma boa rede garantindo o transporte e o suprimento de produtos. Outra consequência é o surgimento de uma economia de giro muito mais regional e local, que necessitará de regulamentações e leis para atravessar as fronteiras. Aí deverá existir um sistema monetário fixado segundo a economia real – ou seja, uma economia baseada na produtividade da terra.

Só então reencontraremos a natureza em nossa vida. Por isso, precisamos projetar uma administração pluridimensional que permita o equilíbrio dos domínios ecológico, econômico e social. No que diz respeito ao desenvolvimento da coletividade, precisamos encarregar-nos dos cuidados com a estrutura social desde a base. De modo geral, a atividade assalariada das mulheres tem-se mostrado muito eficiente. Mas, parece que o fato de investirmos na formação das mulheres está limitando o número de crianças por família. Depois de uma série de pesquisas (até mesmo a respeito do crescimento das plantas e outras semelhantes), sabe-se que a relação entre a energia masculina e toda a energia feminina reunida será ótima se for seguida a





**Edifício do Banco Mundial, Nova Iorque, Estados Unidos**

razão áurea:  $1/1,618$  – o que quer dizer que, em certo sentido, o feminino predomina. Trata-se de um importante indicativo cultural, o que nos leva a pensar que a curva que nossa cultura está tomando deve-se à perturbação dessa relação. Vivemos em um tempo em que todos fazem grandes perguntas em nível mundial. Como

lidamos com elas? Este é um ponto decisivo para o futuro da vida no planeta. É preciso tomar posição. Para escolher essa posição, precisamos basear-nos em um conceito de ética e também de empatia (preocupação com os outros) – e essa ética e essa empatia precisam ser mais abrangentes do que nunca. De fato, qual será nossa

## a dimensão vertical abre uma janela diante do homem comum para um campo cósmico universal pleno de vida da alma

resposta à pergunta: “Por que estamos aqui na terra?”

Para vivenciar a dimensão espiritual vertical de nossa existência!

Nossa época exige que manifestemos uma nova fase do contínuo processo de criação. Todos os conceitos, os conhecimentos e a tecnologia dos quais temos necessidade estão, em princípio, presentes. O que cabe a nós é agir – e tudo o que faremos juntos se realizará.

**A EMPATIA: FACULDADE DE SE COLOCAR NO LUGAR DOS OUTROS** Para H. Wijffels, o essencial em nossa vida na terra é contribuir conscientemente com o contínuo processo de criação neste planeta. Se trabalharmos com empatia pelo interesse comum, estaremos trabalhando em nosso próprio interesse e, portanto, para a dignidade da vida de cada um.

Aí está uma aspiração magnífica, inteiramente lógica e ao nosso alcance. Muitas pessoas assinariam embaixo, mas ela não é fácil de realizar. Ora, se vivermos assim, liberaremos os valores da alma. E, quando nos compadecemos respeitosamente pelos sentimentos alheios, surge a essência da vida espiritual superior.

Mas, para onde devemos voltar-nos? A terra é uma escola: nela acontece uma sequência inevitável de “subir, brilhar, cair”. Ela é o mundo da dualidade, dos opostos: alegria e dor, saúde e doença, seguidas de morte. Ninguém permanece neste mundo. Segundo os rosa-cruzes, a terra é a escola que nos demonstra que a própria matéria se transforma, que nela tudo se forma para terminar por desagregar-se. O homem, as civilizações, a humanidade, enfim a própria

terra, tudo se transforma. Tudo está submetido à perpétua mudança, e só a essência das coisas enraizadas no Espírito permanece. É daí que provêm todos os esforços e desejos, em razão dos valores subjacentes.

O que faz a própria essência do ser humano não são seus interesses terrestres individuais ou coletivos sobre o plano vital, mas sim a responsabilidade pelo bem-estar de todos: isso é amor. Os rosa-cruzes desejam harmonizar seu comportamento no mundo baseados neste princípio: trabalhar para o mundo sem ligar-se ao mundo. E eles estão certos de que uma parte importante desse princípio é sua contribuição para que sejam estabelecidas condições de vida dignas do ser humano para todos. Mas isso não é tudo: seu olhar interior está fixado em outra vida espiritual e pura. O guia de seu coração é o Cristo interior, pleno de amor incondicional. A consciência mundial torna-se uma “consciência universal da alma” verdadeiramente ligada a todos.

Wijffels tem razão. No contínuo processo da criação da terra, a humanidade chegou à fase de um salto quântico da consciência – e isto é uma necessidade, pois, do contrário, a sobrevivência na terra estará ameaçada. É extremamente importante que pessoas como o copresidente da “World Connectors” e os membros do Grupo Renascença estejam conscientes disso e que, desse modo, contribuam para o crescimento de uma consciência coletiva que necessita de novos comportamentos. Se acrescentarmos a isso a dimensão vertical, abriremos diante do homem comum uma janela para um campo cósmico universal que contém todos os novos valores existenciais. Portanto, é necessário evoluir,

“Os mestres são aqueles que tornam manifesto o verdadeiro sentido da alma através da renúncia a si mesmos por amor à humanidade. Em seu serviço amoroso eles enfrentam a calúnia e a perseguição, a privação e a morte. Vivem a vida da alma, não a do ego, e assim provam para nós a verdade última da humanidade. Nós os chamados de Mahatmas, os homens de alma grande”. (Tagore, R. *Sadhana, um caminho da realização*. São Paulo: Paulus, 1994.)

transcendendo nossos interesses pessoais, para alcançar o interesse geral. É preciso chegar à consciência de que “Meu reino não é deste mundo”, mas numa perspectiva inteiramente nova: trata-se de um novo universo sétuplo! Em seu livro *Sadhana, o caminho da realização*,\* Rabindranath Tagore escreveu: “A história do homem é a história de sua jornada para o desconhecido, em busca da realização do seu eu imortal – a sua alma. Através da elevação e da queda dos impérios, através da construção de gigantescas pilhas de riquezas e do seu desapiadado desperdiçar no pó, através da criação de imensos corpos de símbolos que dão forma aos seus sonhos e aspirações – e do atirá-los para longe como os brinquedos de uma infância abandonada –, através do forjar de chaves mágicas para abrir os mistérios da criação, e através do desfazer-se desse trabalho de eras para voltar ao seu laboratório e de trabalhar alguma nova fórmula; sim, através de tudo isso, de época em época o homem caminha em direção à mais plena realização da sua alma – a alma que é maior do que as coisas que o homem acumula, a obras que realiza, as teorias que constrói, a alma cujo avanço jamais é refreado pela morte ou dissolução. Os enganos e falhas do homem de modo algum foram pequenos e triviais, mas sulcaram o seu caminho com ruínas colossais; seus sofrimentos foram imensos, como as dores de parto de uma criança gigantesca; são o prelúdio de uma consumação cujo escopo é infinito. O homem passou e ainda está passando de diversos modos por martírios, e suas instituições são os altares que ele construiu e aos quais

ele traz seus sacrifícios diários, maravilhosos em qualidade e estupendos em quantidade. Tudo isso seria absolutamente sem sentido e insuportável, se o tempo todo ele não sentisse dentro de si a mais profunda alegria da alma, que prova a sua força divina por meio do sofrimento e manifesta a sua inesgotável riqueza através da renúncia. Sim, os peregrinos estão vindo, cada um e todos – vindo à sua verdadeira herança do mundo; estão sempre alargando a sua consciência, procurando sempre uma unidade cada vez mais elevada, sempre se aproximando mais da única verdade central, que é onicompreensiva. A pobreza do homem é abissal e suas necessidades não têm fim, até que ele se torne verdadeiramente consciente da sua alma. Até aí, para ele o mundo está em estado de fluxo contínuo – um fantasma que existe e não existe. Para o homem que teve a percepção da sua alma existe um determinado centro do universo ao redor do qual tudo o mais pode encontrar seu lugar próprio, e apenas a partir daí ele consegue extrair e fruir a bem-aventurança de uma vida harmoniosa. [...]

Os *Upanixades* dizem com insistência:

“Conhece o Um, a alma. Ela é a ponte que leva ao ser eterno. Esse é o objetivo final do homem – encontrar o Um em si. Afinal, ele é seu verdadeiro ser, sua verdadeira alma, a chave que abre a porta da vida espiritual, para o reino dos céus” ❀

Fontes:

I Armstrong, K. *A grande transformação – O mundo na época de Buda, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

# a consciência da ilusão

O raio de ação de nossa faculdade de percepção é enorme. Contemplamos o céu estrelado a anos-luz de distância, ouvimos de longe o vento tempestuoso que se aproxima, podemos até mesmo prever a ameaça de um terremoto com vários dias de antecedência. Contudo, não somos capazes de perceber a aflição contida de alguém sentado ao nosso lado no metrô.

Nossa consciência é uma faculdade natural intrínseca que limita nossa percepção do mundo. Tudo o que se encontra fora de seu âmbito é para nós virtualmente inexistente ou pura conjectura. Nós a temos em alta conta devido à aparente envergadura de seu campo de percepção, o que de certa forma não deixa de ter sua razão quando consideramos o atual estágio de desenvolvimento de nossa personalidade. No entanto, ela não passa de uma consciência que consegue enxergar apenas seu mundinho e as coisas que se referem a ela mesma.

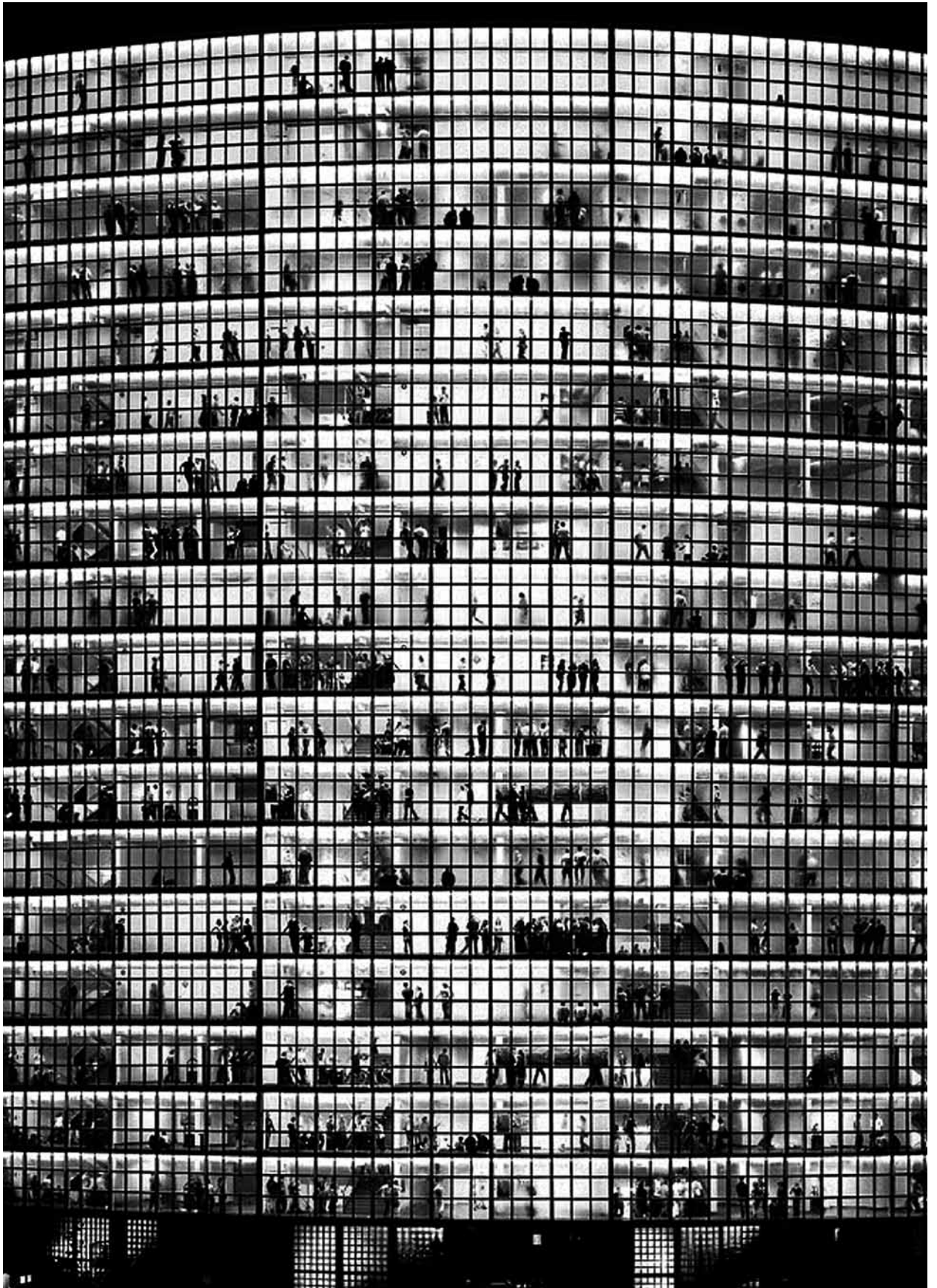
Construímos uma muralha em torno de nosso eu, de nosso universo particular, e no interior desse pequeno mundo, acumulamos, com o passar do tempo, um notável tesouro de conhecimento, compreensão e experiência. Contudo, na realidade, praticamente não fazemos ideia de quem somos, de onde viemos e o que temos de fazer aqui. Diariamente nos vemos diante de circunstâncias e fatos incompreensíveis e absurdos que acabamos aceitando a contra-gosto. É como se vivêssemos sempre prestes a despertar de um sonho, mas sempre de novo nos escapasse o momento de acordar. Esse sonho nos mantém como que cativos numa “ilha” descrita, por aqueles que conseguem perscrutar por detrás dos véus, como sendo um circuito fechado cujos limites são nossa própria consciência.

O maravilhoso cérebro humano deve ter engendrado o conceito de “consciência” quando reconheceu que justamente aquilo que ele

considerava como o acesso ilimitado a todo tipo de conhecimento e compreensão era, na verdade, sua própria limitação. Mesmo os dicionários, ao definirem a consciência como sendo a “compreensão de si mesmo e do ambiente”, não colaboram para que tenhamos uma visão mais ampla a esse respeito.

Mergulhados no invariável e persistente ruído de nosso mundo, chegamos à mesma conclusão do bardo quando diz que “há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia”. São sinais de uma realidade diferente que vive em nosso interior e que (ainda) não nos é permitido contemplar. Essas ideias e sugestões provenientes de uma região que nossa percepção não consegue sondar sempre foram pontos de controvérsia, assim como também a existência ou não de um ser supremo e de um Além pertencente a ele, povoado por criaturas lendárias. Dessa forma, uma visão panorâmica dos mais remotos recantos de nossa consciência mantém viva, mediante símbolos e arquétipos, a lembrança de outra realidade que existe fora dos limites da razão e da comprovação. Alguns a veem como realidade concreta; outros chegam até mesmo a acreditar nela, mas a maioria a considera como história da carochinha, apropriada para ser apreciada apenas pelos simplórios.

Em geral, as pessoas tentam compreender o Além e tudo o que há nele, imaginando a existência de uma quarta dimensão, mas a realidade não se sustenta em teorias multidimensionais. Ela é simplesmente a unidade, aquilo



**Zoveel mensen, zoveel inspiratie, zoveel vergezichten...** © Andreas Gursky

E enquanto falavam, eis que apareceu Jesus no meio deles, e disse: A verdade única e absoluta está apenas em Deus, pois nenhum homem ou nenhum grupo de homens sabe o que apenas Deus sabe, e que é tudo em todos. Ao homem, a verdade é revelada segundo sua capacidade de compreendê-la e de assimilá-la. [...] quando alguém escala uma montanha e alcança certa altura, diz: Esse é o cume da montanha, alcancemo-lo; e eis que, em ali chegando, divisa outra elevação mais além [...] Assim é com a verdade. [...] Por isso não condeneis a outrem, para que não sejais condenados. [...] Sede fiéis à luz que possuíis, até que uma luz mais elevada vos seja concedida. Buscai mais luz, e tereis em abundância; não descanseis até que tenhais encontrado.

(O Evangelho dos Doze Santos. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1985, cap. 90: O que é a verdade?)

que É. Muitas vezes, referimo-nos a ela como “o Todo” ou “o Verbo”. Mesmo sem possuir forma ou ocupar um lugar no espaço, ela tudo permeia e é onipresente.

Entre os inseparáveis mundos da matéria e do Espírito, existe um canal livre de comunicação que escapa à nossa percepção. A muralha que construímos em torno de nosso pequeno mundo não passa de mera ilusão de ótica, fortalecida pelo grande poder de barganha da matéria, que como um véu, obscurece a realidade que está diante de nossos olhos. Enquanto não desvendarmos essa ilusão, continuaremos a vasculhar nosso pequeno reino em busca de algo novo, algo que realmente valha a pena, algo para o qual, uma vez descoberto, exclamemos: “Ah! É isso!”. E assim, nós nos ocupamos dessa busca por muito tempo para no final encontrar a decepção.

De acordo com a cosmologia da Doutrina Universal, o período terrestre corresponde apenas à fase inicial da construção da “consciência de si mesmo” na evolução humana. Essa consciência incipiente capacita-o a descobrir, por trás da ilusão deste mundo, uma nova possibilidade de desenvolvimento para si mesmo. Trata-se de um processo demorado e penoso que nos conduz, através da tentação da matéria, rumo a uma nova e sublime forma de existência, rumo ao verdadeiro destino do homem. Isso implica em uma transformação da consciência, pois, por trás da matéria está o Espírito, por trás de nossa antiga consciência está a consciência

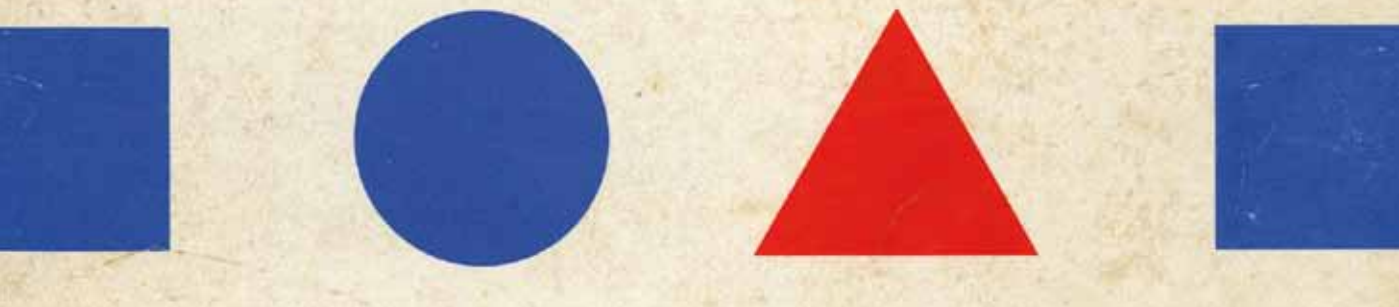
universal, também denominada consciência cósmica.

Chegará o dia em que teremos acumulado tantas experiências que ficaremos cansados deste mundo, no qual nada é o que parece, nada é permanente, tudo vai e vem numa infinita repetição. Esse ponto de mutação pode levar tanto a uma resignação como a uma amargura, mas também pode conduzir a um despertar, a uma mudança do foco de nossa atenção. Nesse dia, já não prestaremos atenção aos atributos do velho eu como posse, fama e poder, mas sim aos sinais silenciosos, provenientes da região limítrofe de nossa consciência, que foram por tanto tempo abafados pelo ruído da terra.

Ao mesmo tempo acontecerá um deslocamento do “eu” para o “nós”. Pouco a pouco, nosso pequeno eu começará a perder terreno e cederá lugar para o nosso verdadeiro ser. Misticamente, poderíamos dizer que a “consciência de nós mesmos” transforma-se em amor.

O que antes não passava de uma vaga suposição eleva-se agora no coração humano como realidade vivente. Quando tudo parece ter-nos sido tirado, uma nova perspectiva nos aguarda. Surgem então arquétipos que se fundem em uma luz, na qual, gradualmente, as imagens ilusórias da antiga consciência vão desaparecendo. Muralhas desmoronam-se, fronteiras desfazem-se, e, ambas, a antiga e a nova consciência pairam na amplidão de uma radiante manhã ✪





## RESENHA DE LIVRO: A GNOSIS UNIVERSAL

# a luz prânica original

Durante a fase de formação do Lectorium Rosicrucianum foram publicados sucessivamente entre 1948 e 1951 seis livros, que formam a série denominada *Pedra Angular*, como base do pensamento rosacruciano. *A Gnosis universal*, quinto volume da série, é um livro que pode mudar completamente as imagens que temos de Deus, do homem e do mundo, sendo esta precisamente a intenção do autor.

O livro compõe-se de vinte cartas. A primeira parte explica o que é a Gnosis, a Rosacruz Áurea e o caminho iniciático, bem como nossa tarefa aqui na terra. Na segunda parte, os autores, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, nos fazem compreender a profundidade da simbologia do evangelho cristão e seu significado. Essa parte está escrita em estilo vibrante e podemos aí recolher muitas informações.

Ao indicar o objetivo de nossa vida, os autores são bastante veementes. Abordando o tema em vários enfoques, eles nos fazem penetrar no assunto. Assim nos sentimos completamente arrebatados pela leitura. Em cada capítulo, há sempre algo do capítulo precedente que é recapitulado – o que é lógico, pois são cartas que foram escritas em diferentes momentos. Mas isso funciona muito bem à medida que avançamos na leitura.

Os primeiros sete capítulos oferecem-nos uma imagem detalhada do significado da palavra Gnosis, esclarece sobre o que é a verdadeira e a falsa Gnosis, mostra qual a relação entre a Gnosis e o Espírito Santo, entre a Gnosis e o que se denomina fogo serpentino no ser humano, entre a Gnosis e a Igreja, entre a Gnosis e os grandes poetas e pensadores. Tudo isso tem como ponto de partida o desejo primordial, a nostalgia que deve servir de base para aprendermos a conhecer a Gnosis e a guardá-la no coração.

As escrituras sagradas de todos os tempos dirigem-se às sete espirais da consciência. Não se trata de uma compreensão intelectual ou emocional. A palavra e a escrita são apenas meios de contato, pois a verdadeira Gnosis é indescritível. Ela é força, radiação, luz que busca o que se encontra perdido .

A arte, a ciência e a religião conduzem o homem até os limites da vida dialética. A Gnosis,

porém, o conduz à verdadeira vida, a natureza divina à qual ele pertence, na realidade!

**O SÍMBOLO DA SERPENTE** O símbolo da serpente não é apenas evocado no relato bíblico da criação. Os sacerdotes egípcios consideravam a serpente áurea como símbolo da sabedoria. No Antigo Testamento também se fala da serpente ardente e da serpente de cobre. Trata-se da escolha entre “comer” da árvore do conhecimento do bem e do mal, ou de “comer” da árvore da vida. As serpentes são os símbolos dos dois feixes de nervos que correm ao longo da medula espinal. Todo aquele que deseja ser aluno da Gnosis universal deve formar para si mesmo a veste-de-luz, construir para si mesmo a ponte que o ligará, mediante a fé, à verdadeira sabedoria.

Não é possível aproximar-se da Gnosis por meio da religião comum, nem por qualquer tipo de ocultismo, misticismo ou filosofia. O ser humano perdeu a sensibilidade à verdade, à Gnosis! O conhecimento espiritual já não pode ser transmitido. Nós precisamos encontrá-lo novamente, impelidos pela aflição da alma, por esse santo desejo que ultrapassa tudo. Um exemplo magnífico da literatura mundial é a busca de Dante na *Divina comédia*. No alto da montanha da purificação, aparece Beatriz, o Outro em nós, a nova alma.

**AS SETE FASES DA FORMAÇÃO DA ALMA** A parte do livro que ainda descreve a Gnosis como

luz, força e radiação serve de ponto de ligação. De forma magnífica, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri chamam essa nova energia de *luz prânica original*. A palavra prana é utilizada nas escrituras indianas. No hinduísmo é o deus do vento, o Grande Alento, a força vital.

O prana é o alento da vida, a força vital, a luz. A luz prânica original é a força da Gnosis. Os capítulos seguintes tratam dessa luz prânica original, que poderemos novamente assimilar graças à regeneração das faculdades espirituais originais.

No capítulo sobre as sete ações libertadoras, os autores descrevem os sete degraus que devemos galgar a fim de edificar a nova alma – condição para receber a luz prânica original – e fazem essa descrição com o auxílio dos Evangelhos. Em primeiro lugar, eles deixam claro que todas as narrativas evangélicas, tais como o nascimento de Jesus, o batismo de João, as peregrinações de Jesus e seus discípulos até o relato do caminho de cruz e da ressurreição têm profundo significado simbólico e devem estar situados no agora, na vida interior do ser humano.

As sete ações libertadoras tratam da construção da “taça do Graal” no homem que se preparou para a celebração interior da Santa Ceia. E novamente aqui o profundo simbolismo de cada aspecto da Santa Ceia é impressionante.

## Wil, verstand en gevoel moeten wel in slaap vallen; want het gebeuren op de Olijfberg gaat uit boven hun bewustzijn

Em seguida, os autores analisam o acontecimento no Getsêmani, no jardim no Monte das Oliveiras. Jesus leva consigo três de seus discípulos para ali orar, porém os discípulos adormecem. Pedro, João e Tiago representam a vontade, o intelecto e o sentimento humanos. Eles não podem elevar-se aos domínios da vida original à qual o homem-Jesus se liga quando se dispõe à completa autorrendição ao divino e ora para obter a força.

É inevitável que os discípulos adormeçam, pois o acontecimento vai muito além de sua consciência. Temos aqui um dos exemplos magníficos da interpretação, por sua vez humana e profundamente simbólica, dos aspectos evangélicos, seguidos de mais alguns exemplos que o livro nos oferece.

O último capítulo, *O compêndio*, mostra, com o auxílio de numerosas assertivas, como é possível encontrar todos os temas sobre a Gnosis universal no livro da sabedoria por excelência, a Bíblia, especialmente no Novo Testamento.

Tanto quanto possível, esta curta resenha de tão valioso livro mostra que podemos considerá-lo como um colar de pérolas da

literatura da Rosacruz moderna. Essas pérolas encontram-se como que espalhadas e semeadas nesse livro fora do comum. Em outros livros posteriores J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri entram em maiores detalhes.



Rijckenborgh, J. van; Petri, C. de. *A Gnosis universal*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1985.